

Ponciá Vicêncio

Conceição Evaristo



Rio de Janeiro • 2021
3ª ed. • 7ª reimpressão

FALANDO DE PONCIÁ VICÊNCIO...

Por ocasião de uma palestra, iniciei minha fala afirmando que gostava de meus parentes; de alguns eu gostava mais, de outros, menos. Nos primeiros instantes, a audiência se surpreendeu, percebi movimentos tradutores do incômodo que minhas primeiras palavras causaram. A palestrante iria falar sobre questões familiares? Não! Eu estava me referindo a outro tipo de parentesco. Falava das personagens criadas por mim. Minhas crias, portanto parentes e de primeiro grau. Em meu enlevo por parentes, há uma parenta da qual eu gosto particularmente. Essa é a Ponciá Vicêncio. Entretanto, nem sempre gostei dela. Não foi amor à primeira vista. Aprendi a gostar da moça, de tanto amor que ela provocava nas pessoas. E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso.

A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu.

O romance *Ponciá Vicêncio* foi a minha primeira publicação *solo*. Encorajada pela Prof^a Maria José Somelarte Barbosa, resolvi investir na publicação do livro. E, se não fossem as palavras de encorajamento dessa atenta pesquisadora de literatura, talvez a história de *Ponciá Vicêncio* continuasse guardada na gaveta, ao lado de *Becos da memória*. Havia quase dez anos que a história de Ponciá já tinha sido escrita. Em 2003, pela Editora Mazza, surgiu a 1^a edição, financiada integralmente por mim. A 2^a edição em 2006, já com os custos divididos, veio a público, com a mesma editora. Houve ainda a edição de bolso, para o atendimento aos vestibulandos da UFMG, do CEFET/Minas e mais algumas instituições mineiras, em 2008. Essa mesma edição buscou atender à demanda dos alunos que estavam ingressando na Escola de Cadetes de Barbacena, em 2009, assim como aos vestibulando da Universidade Estadual de Londrina, nos anos de 2009 e 2010. Conto a história da publicação do livro, para enfatizar um ponto de vista que tenho afirmado sempre. Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse

sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social.

Entretanto, parece que tempos mais amenos estão chegando, construídos pelos nossos esforços, pela nossa teimosia, pela nossa resiliência. Em meio a esse percurso, temos Pallas Editora lançando a 3ª edição de *Ponciá Vicêncio*. E ao celebrar essa 3ª edição, não esqueço os primeiros passos da obra na Editora Mazza, que festejo também.

E assim vai Ponciá. A moça que saiu de trem de uma cidadezinha qualquer, segue atravessando montanhas e mares. Hoje a história dela pode ser lida em língua inglesa, edição da Host Publicacions, Texas; em francês, pela Editora Anacaona, Paris, e em espanhol pela Casa Ankili, México.

Para saber mais sobre Ponciá Vicêncio, é preciso ir ao encontro dela. Não vou dizer mais nada, apenas afirmo que a história que ofereço a vocês não é a minha história e sim a de Ponciá, mas, quando me chamam por ela, quando trocam o meu nome pelo dela, orgulhosamente respondo: presente!

Fevereiro/2017
Igarapé/Minas Gerais